

Revista
Latino-americana de

**Geografia e
Gênero**

Volume 8, número 2 (2017)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Família e Espaço Geográfico: A Especificidade da Família Lavinsky em Vitória da Conquista - BA

*Familia y Espacio Geográfico:
La Especificidad de la Familia Lavinsky en la
Ciudad Victoria de la Conquista - BA*

*Family and Geographical Space:
The Specificity of Lavinsky Family in
Vitoria da Conquista – BA*

Benhur Pinós da Costa
Universidade Federal de Santa Maria – Brasil
benpinos@gmail.com

Como citar este artigo:

COSTA, Benhur Pinós da. Família e Espaço Geográfico: a Especificidade da Família Lavinsky em Vitória da Conquista - BA. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 316-336, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Família e Espaço Geográfico: A Especificidade da Família Lavinsky em Vitória da Conquista - BA

Familia y Espacio Geográfico: La Especificidad de la Familia Lavinsky en la Ciudad Victoria de la Conquista - BA

Family and Geographical Space: The Specificity of Lavinsky Family in Vitoria da Conquista – BA

Resumo

O texto discute um resultado da pesquisa 'Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas', desenvolvida entre 2013 e 2014, na cidade de Vitória da Conquista, BA. Desenvolve uma discussão sobre o conceito de família e suas variantes, inserindo-o na análise do estudo da sociedade e do espaço social. A pesquisa propôs estudar o cotidiano de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades médias brasileiras, representantes das macrorregiões, estabelecendo uma análise das diferenças de cotidianos entre cidades grandes, médias e pequenas quanto às características das sociabilidades homoafetivas. Organizou um conjunto de entrevistas semi-diretivas, sob o modelo de 'rodas de conversa', com sujeitos pesquisados. Analisa o tema da família em virtude do problema da 'família Lavinsky' nesta cidade, ou um grupo de adolescentes homossexuais que se identificam como família, que organizam uma convivência e construção de espacialidades singulares no cotidiano de Vitória da Conquista.

Palavras-Chave: Família; Cotidiano; Sociabilidades; Espaço Social.

Resumen

El texto discute los resultados de la investigación 'Ciudades brasileñas, espacio público y diversidades culturales: el caso de las microterritorializaciones de expresiones homoeróticas y / o homoafectivas', desarrollada entre 2013 y 2014, en la ciudad de Vitória da Conquista-Bahía. Se desarrolla una discusión sobre el concepto de familia y sus variantes, insertándolo en el análisis del estudio de la sociedad y del espacio social. La investigación propuso estudiar la vida cotidiana de los sujetos orientados sexualmente hacia el mismo sexo en ciudades medias brasileñas, representantes de las macrorregiones, estableciendo un análisis de las diferencias de lo cotidiano entre ciudades grandes, medias y pequeñas en cuanto a las características de las sociabilidades homoafectivas. Se organizó un conjunto de entrevistas semi-directas bajo el modelo de 'ruedas de conversación' con los sujetos investigados. Se analiza el tema de la familia en virtud del problema de la 'familia Lavinsky' en esta ciudad, un grupo de adolescentes homosexuales que se identifican como familia, que organizan una convivencia y construcción de espacialidades singulares en la vida cotidiana de Vitória da Conquista.

Palabras-Clave: Familia; Cotidiano; Sociabilidades; Espaço Social.

Abstract

This text discusses one of the results of the research 'Brazilian cities, public space and cultural diversity: the case of microterritorializations of homo-erotic and/or homo-affective expressions', developed between 2013 and 2014, in the city of Vitória da Conquista, Bahia. It developed the concept of family and its variants, inserting it in the analysis of the study of society and social space. The research has proposed to study the daily life of same sex oriented subjects in medium-sized Brazilian cities which are representative of their macro-regions, proposing an analysis of the differences between the everyday life in big, medium and small cities, concerning the characteristics of homo-affective sociabilities. It organized a series of semi-directive interviews by means of 'chat groups' with the research subjects. It analyses the theme of family because of the problem of 'Lavinsky family' in this city, a group of homosexual teenagers who act as a gay family, and who organize the singular coexistence and construction of spatiality in the daily life of Vitória da Conquista.

Keywords: Family; Daily Life; Sociability; Social Space.

Introdução

Este texto é uma reflexão a respeito de uma experiência estabelecida durante a pesquisa 'Cidades brasileiras, espaço público e diversidades culturais: o caso das microterritorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas', desenvolvida nos anos de 2013 e 2014 e financiada pelo edital Universal de 2012, CNPq. O propósito da pesquisa foi encontrar sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades médias brasileiras, para entender suas relações cotidianas e, em mais específico, a vivência de suas sexualidades em tais cidades. A pesquisa reuniu sujeitos dispostos a discutirem sobre suas experiências de vida em Presidente Prudente, SP, Vitória da Conquista, BA, Santarém, PA e Dourados, MS. Procuramos entrar em contato com sujeitos e desenvolver "rodas de conversa" (COLARES, 2013) entre o pesquisador e grupos de aproximadamente quatro pessoas. A estratégia principal foi estabelecer contato a distância com sujeitos-chaves que pudessem colaborar em agendar a reunião destes grupos nas cidades selecionadas, para assim poder produzir as 'rodas de conversa'. A primeira estratégia foi encontrar lideranças políticas do movimento social LGBT¹ nas cidades selecionadas ou sujeitos vinculados às iniciativas de reconhecimento das diversidades sexuais.

Obtido contato com colaboradores-chave e estabelecido um conjunto de conversas a longa distância (via mensagens eletrônicas e utilizando recurso de telefone), procurávamos organizar em conjunto um cronograma de atividades em um período em que o pesquisador e sujeitos pesquisados pudessem se encontrar, para, finalmente, marcar a viagem de deslocamento à cidade selecionada. O colaborador-chave entrava em contato e organizava os grupos de conversa de aproximadamente quatro sujeitos e marcava um período de entrevista durante a estadia do pesquisador na cidade. No momento das entrevistas, o pesquisador já tinha desenvolvido um roteiro de questões que poderiam ser abordadas livremente pelos entrevistados. Cada questão representava um tema gerador para as narrativas pessoais do entrevistado, em

1 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transgêneros.

que eles poderiam contar experiências e emitir suas concepções sobre o assunto, assim como suas críticas, suas dúvidas e suas limitações de conhecimento. No decorrer do momento de discussão sobre cada tema gerador, cada colaborador organizava seu tempo de discussão, mas isso poderia ocasionar um debate em que uns discutiam conjuntamente com outros, emitindo suas opiniões e concordando ou discordando do(s) outro(s). Tais 'rodas de conversa' adquiriam um sentido bastante informal e todos os grupos pesquisados sentiram-se muito à vontade em debater conjuntamente as questões colocadas em evidência. Uma das estratégias pensadas pela pesquisa foi solicitar ao colaborador-chave reunir grupos de amigos que se conhecessem e que não tivessem receio em falar de suas vidas perante outros, principalmente sujeitos muito próximos, em círculos de amizade.

Podemos dizer que a cidade em que este processo obteve maior sucesso foi Vitória da Conquista, Bahia, graças à formalização das políticas LGBT do município e a colaboração de Danilo Bittencourt, que ocupava o cargo de Assessor Técnico de Políticas para a Diversidade Sexual do município. Danilo organizou três grupos de entrevistados e, entre tais grupos, fomos à casa dos Lavinskys. Conhecemos os Lavinskys no dia 23 de março de 2014, no período da noite, na casa do integrante maior idade entre eles, Júpiter², também chamado de pai, no qual sua casa é o lugar onde eles se reúnem. Os Lavinskys são um grupo de garotos com idades entre 17 e 23 anos. Somente uma mulher participa desta família e ela é chamada de mãe. A primeira coisa que pensamos em perguntar foi a origem deste nome e como começou a família Lavinsky. Então, notamos que os sentidos dados a este nome são meramente estéticos, sem grande profundidade explicativa formal, mas com intenso sentido afetivo. É evidente que pensamos no sentido estético de organização dos grupos sociais na atualidade, muito discutido por Maffesoli (2002), principalmente em sua discussão sobre *formismo* (TEDESCO, 2003), ou seja, um cimento de sociabilidade definido pela afetividade e pelas relações informais geradas pela atração estética (*proxemia*), ou um 'estar-junto', cujos sentidos são baseados na admiração entre um pequeno coletivo que se identifica por alguns gostos, comportamentos e assuntos comuns.

Segundo Júpiter, certa noite estava assistindo uma entrevista de uma modelo em um programa de televisão, que nem mesmo ele lembra quem seria, e, depois de algum tempo, ele decidiu colocar este nome no seu perfil do *Facebook*. Alguns outros amigos gostaram da ideia e também compartilharam da atitude e, assim, a família começou a se formar. Cabe ressaltar que os amigos que começaram se denominar também de Lavinsky já faziam parte de um grupo de adolescentes homoafetivos que frequentavam a praça Tancredo Neves, no centro da cidade. Isso reforça a ideia que tais grupos estéticos são cimentados pela localização do encontro informal e afetivo. No caso dos Lavinskys, a casa do denominado 'pai', a praça Tancredo Neves e o bar América (que não é um bar exclusivamente LGBT, sendo um bar aberto com mesas de sinuca) representavam espaços de frequência e, de certa forma, apropriação afetiva. Sem estes espaços os Lavinskys não existem. Esses

2 Não é o nome real da pessoa, vamos escolher este nome fictício para preservar a identidade do entrevistado, lembrando que serão nomes de planetas do sistema solar.

espaços materiais apropriados são reforçados pelas relações estabelecidas por meio virtual em grupo de *Facebook*. Nesse sentido, os espaços de encontro reforçam os vínculos deste 'grupo familiar' e o ambiente virtual das redes sociais os mantém em contato permanente, principalmente postando mensagens e imagens que produz a figura deles para outras pessoas, que, eventualmente, os procuram para participar da família.

A família Lavinsky é um grupo muito instável. Podemos dizer que existem três pessoas que mantêm uma maior unidade e uma constância do grupo, sendo os mais velhos e aqueles que exercem um papel de aconselhador afetivo-sentimental para os outros integrantes mais novos, o pai, a mãe e outro rapaz de mais idade chamado de Saturno. Estes sujeitos procuram estabelecer uma ordem de encontros e de comportamentos dos outros integrantes, pregando, segundo discurso do próprio Júpiter, atitudes de bom comportamento, que indicam controle das atitudes de 'fechação' (gíria gay que indica atitudes escandalosas em espaço público ou constantes brigas com outros grupos e sujeitos LGBT). Além da família Lavinsky, nossos colaboradores afirmaram a existência de mais duas famílias de sujeitos LGBT em Vitória da Conquista: a Bratio e a Matarazzo. Segundo nossos informantes, estas outras duas famílias são compostas por travestis e outros sujeitos que se 'montam'³ e, muitos deles, exercem a profissão de prostituição. Segundo alguns entrevistados da família Lavinsky, determinados sujeitos destas outras famílias não se aproximam ou não gostam deles porque acham que representam uma concorrência, inclusive para o mercado do sexo de prostituição de rua.

Júpiter garante que não exercem prostituição, mas, alguns integrantes confirmaram que muitas paqueras com outros homens e atividades sexuais, muitas delas com outros homens que se identificam como heterossexuais e são casados com mulheres, podem ser exercidas em virtude de algum pagamento em dinheiro ou algum outro favor de diversão. No entanto, eles, efetivamente, não exercem ponto de prostituição na cidade, apropriado de forma específica para isto, somente os lugares de encontro, onde muitas vezes passam carros que podem oferecer certa quantia para alguma atividade sexual, isso de forma não exclusiva. Segundo nossos colaboradores, antes existia a '*gang* das bonecas', que, inclusive, se reunia também na praça Tancredo Neves. Aos poucos, foi surgindo a família Lavinsky e a '*gang* das bonecas' foi extinta. Alguns integrantes vieram a compor a família Lavinsky, na qual a principal diferença entre eles e a '*gang* das bonecas' seria um intuito de romper com a 'fechação'⁴ que aqueles provocavam na rua. Este elemento sempre fora ressaltado durante todo tempo da entrevista, assim, percebemos uma atividade de regramento de conduta que a família Lavinsky exerce a estes jovens.

O texto a seguir irá discutir dois aspectos principais deste fato social encontrado na cidade de Vitória da Conquista: em primeiro momento a relação dos Lavinskys com algumas perspectivas de 'família', uma vez que eles se definem dessa forma; em segundo momento, a relação das próprias concepções

3 'Se montar' significa se vestir de mulher e assumir um comportamento feminino em decorrência disso.

4 Atitudes escandalosas em espaço público.

com a Geografia e como esta família tão diferente efetivamente se configura como uma família e com aspectos geográficos da noção de família. Cabe ressaltar que iremos discutir essa relação familiar no sentido fenomenológico que a pesquisa mostrou, ou seja, o privilégio e a autoridade dos sujeitos entrevistados a se identificarem e se definirem como tal. A perspectiva fenomenológica na Geografia, de acordo com Nogueira (2005), privilegia os sentidos dados pelos sujeitos dos fatos sociais e geográficos em seu mundo vivido. Se os Lavinskys se denominam como uma família, é porque eles sentem-se como uma família. Se eles assim se denominam é porque apreenderam alguns sentidos de família em âmbito de representação social e tomaram para si tais sentidos. O texto, dessa forma, visa discutir este sentido de família composta na literatura e relacioná-las aos sentidos dados pelos Lavinskys durante o processo de entrevista em 'roda de conversa', do dia 23 de março de 2014. Além disso, procuraremos entender esses sentidos de família, das representações dadas pela literatura pelos Lavinskys e aproximá-las como um projeto de sentido também geográfico.

Perspectivas da Família e os Lavinskys como uma Configuração Possível de Família

Podemos ressaltar em primeiro momento que 'família' é amplamente difundida como uma instituição moderna. Segundo Souto (1985) e Ramos e Nascimento (2008), a família constitui uma unidade nas quais os conjuntos de normas da sociedade são transmitidos. A socialização que a família exerce sobre os indivíduos, principalmente perante os mais jovens, definidos pelos papéis dos filhos, estimula os sujeitos a ingressarem nas normas e condutas da sociedade moderna, organizados, principalmente, por parâmetros morais de respeito e formas de comportamentos tidos como 'normais' e amplamente aceitos por todos. Porém, a família é uma unidade orgânica instituída no sistema da sociedade e não estabelece rigidamente um sistema de hierarquia e de normas esclarecidas como das organizações sociais, segundo Ramos e Nascimento (2008). A família representa uma unidade de socialização importante e que se mantém em quase todas as sociedades e formas culturais do mundo, conforme suas especificidades, e é considerada a instituição mais persistente no tempo, conforme Dias (2000) e Kamers (2006). No entanto, sua falta de rigidez dogmática e certo exercício orgânico de suas funções internas, principalmente em se tratando das identificações dos componentes que as compõe e do tipo de relações que eles exercem, transmite à família uma estrutura maleável e mutável.

As famílias são caracterizadas pela diversidade de formas e pela transição mutante de suas concepções hegemônicas. Segundo Nolasco (2001) e Dessen (2010), o Brasil é um país de intensas diversidades étnico-culturais e isso configura culturas regionalizadas muito diversificadas que dão contornos específicos às suas instituições sociais, principalmente à família. No entanto, existe uma herança durkheimiana de considerar a família como instituição socializadora, na qual as normas sociais que se apresentam mais 'cristalizadas' são transmitidas, principalmente, pela vida no seio familiar, segundo Scott (apud RAMOS e NASCIMENTO, 2008). A experiência familiar possibilita a

apreensão do mundo, segundo um conjunto de formas simbólicas aceitas perante a sociedade total e, assim, a sociedade tende a se perpetuar pela relação íntima que a família exerce com seus indivíduos. Esta esfera de entendimento pode ser encaixada nos propósitos na experiência vivida pela família Lavinsky. Essa família se afasta totalmente de um modelo tradicional de família, sendo constituída por sujeitos que não apresentam vínculos consanguíneos, de sujeitos homens, jovens, gays e que apresenta uma configuração de não partilhar a mesma residência ou espaço privado de socialização, característica básica da instituição familiar moderna, na configuração do espaço privado (familiar, de comando do feminino, o gênero da mulher que exerce o papel de dona de casa e de cuidado com a prole, neste sentido, uma personalidade afetivo-compreensiva) e do espaço público (de domínio masculino, de falta de proteção afetiva, espaço de perdição, de conflitos e de angústias) (BRUSCHINI, 1989; KAMERS, 2006). Ainda em Kamers (2006) e Dessen (2010), observamos que os Lavinskys se afastam da família como organização de condutas sexuais, principalmente o respeito às relações sexuais em espaço privado, estipulando os papéis e a contravenções ao incesto, embora Dessen (2010) argumente que os polos, os papéis e os valores quanto ao masculino e feminino estejam constantemente sendo colocadas em xeque a partir de novas configurações familiares na atualidade.

As privações quanto às relações sexuais dinâmicas em espaço familiar desaparecem na família Lavinsky, porque seus componentes afirmaram que existem relações sexuais e relacionamentos amorosos entre seus próprios membros, que são substituídos por outras relações com outros membros da própria família. No entanto, o principal cimento de existência dessa família é a existência de figuras paternas e maternas que organizam um conjunto de condutas entre os outros membros. Lembramos que os Lavinskys se separaram da antiga *gang* das bonecas por almejam formas de condutas mais aceitas socialmente, cujos propósitos levam às ideias de responsabilidade, respeito, bons modos e gentileza perante outros sujeitos sociais. A 'fechação', os conflitos em espaço público, o roubo, a prostituição e o encaminhamento para uma vida vinculada ao profissionalismo e ao mercado de trabalho formal são valores evidenciados, principalmente, pelo 'pai' Júpiter e concordados por todos no decorrer da entrevista. É claro que isso se apresenta como um processo lento de socialização e, como todos são muito jovens, podem ocorrer 'deslizes' em suas aventuras pelas ruas de Vitória da Conquista. No entanto, para participar da família Lavinsky existe um código de conduta escrito, inclusive, em seu perfil de rede social eletrônica. É nesse sentido que este grupo se apresenta como veículo de socialização destes sujeitos jovens que, por suas experiências desastrosas em famílias consanguíneas, acatam as figuras de autoridade e os instrumentos de regramento da família Lavinsky. Dizemos experiências desastrosas, pois todos relataram as dificuldades de se relacionarem em ambiente familiar formal, uma vez que quase todos alegaram que seus pais e mães verdadeiros não aceitavam suas orientações sexuais, muitos, inclusive, narraram experiências de violência e homofobia em ambiente familiar. Outros também falaram da pouca participação efetiva na família consanguínea, já que a marcação de sua sexualidade fazia com que muitos se perdessem em suas próprias intimidades nestes ambientes, não

participando de relações afetuosas e dialogadas.

A família Lavinsky apresenta-se, então, como um espaço socializador escolhido pelos próprios membros, em virtude de uma identificação mútua existente entre eles, que se refere, principalmente, às suas orientações sexuais homoafetivas, seus gostos estéticos, suas diversões estabelecidas conjuntamente, seus assuntos comuns e seus lugares de encontros que permitem compartilhar tudo isso. Por outro lado, nos pareceu que os regramentos e os conselhos adotados pelos pais dessa família, principalmente, transmitem valores que apontam para uma vontade de participar efetivamente de um conjunto de regras e oportunidades sociais. Outro fator que merece destaque aqui é a participação dessa família nos propósitos de discussão sobre o reconhecimento das diversidades sexuais em Vitória da Conquista, principalmente sua vinculação com lideranças LGBT, como Danillo Bittencourt, e as atividades públicas de manifestação em prol dessas diversidades, como a 'parada livre' da cidade. A partir dessa configuração familiar, representantes de outras instituições sociais, que trabalham para o reconhecimento das diversidades sexuais e também em políticas de prevenção às DSTs e aconselhamentos sociais, conseguem manter melhor contato com tais sujeitos. Esse, por exemplo, é o trabalho de Danillo, assessor técnico da prefeitura de Vitória da Conquista. A própria visibilidade do grupo familiar na cidade permite uma maior permeabilidade dos instrumentos de socialização das instituições de saúde, de assistência social e de políticas de reconhecimento. Isso, com certeza, representa uma forma de socialização destes indivíduos que começam a pensar sobre seus atos subversivos perante aos parâmetros de uma sociedade regrada e higienizada. Se pensarmos nas leituras de Foucault (1988), podemos verificar que isso é um instrumento de poder, no sentido de organização social de acordo com preceitos discursivos sobre as possibilidades de identificação e de comportamento social. Por outro lado, para estes jovens, a família Lavinsky permite 'um meio termo' entre aquilo que é próprio deles, podendo ser até mesmo subversivo, e aquilo que é possível de engajamento e participação social. Isso tudo é levado com muito carinho e perseverança por este grupo e o orgulho de compor a família foi demonstrado por seus projetos de participação na 'parada livre' da cidade, onde todos estavam confeccionando suas camisetas que os identificavam como componente da família Lavinsky, construindo um 'bloco' próprio durante a 'marcha' em prol dos direitos das diversidades sexuais.

É assim que Lacan (1985) e Kamers (2006) compreendem família, como uma instituição social de transmissão de cultura. A família organiza a cultura, isto é, estabelece os caminhos a serem seguidos como mais propensos de engajamento cultural e outros reprovados por outros sujeitos transmissores de cultura, no âmbito das relações sociais. Estes interditos necessários à cultura são organizados e interpretados de forma complexa por diversidades de famílias e seus contextos, como podemos perceber em relação à família Lavinsky. Para Arendt (2001), a família se torna instituição importante à civilidade, nos quais, por via dela, as leis, os interditos, a moral e as responsabilidades necessárias para fazer parte de um conjunto estruturante da sociedade, se afirmam perante o indivíduo. Interessante que tais funções são estabelecidas, principalmente, em uma relação entre pais (mãe e pai) e filhos,

condicionada a uma família nuclear heterossexual, que representa a instituição fundadora dos valores sociais da estrutura patriarcal burguesa moderna, tanto no sentido da reprodução do capital familiar dos detentores dos meios de produção, pela hereditariedade, como pela reprodução da força de trabalho operária (ENGELS, 1982) e Aries (1981), constituindo um campo simbólico que procura perpetuar a organização social. A família Lavinsky, ao mesmo tempo em que foge completamente deste aspecto, por constituir-se de um grupo pouco consolidado de jovens gays que estão reunidos pelos sentidos de afeto, diversão e identificações próprias relativas a uma cultura gay partilhada localmente, também estão unidos no sentido de propósitos de apreenderem conjuntamente os valores e saberes dos interditos necessários a um engajamento civilizado e responsável perante a sociedade. É claro que isso se demonstra complexo na própria dinâmica da família Lavinsky, mas os discursos evidenciam uma vontade forte de engajamento social, desde os propósitos de trabalho, de escolarização, de participação das atividades culturais da cidade, assim como das políticas e festividades referentes ao movimento LGBT. Em relação às questões de trabalho, Júpiter é o único componente da família que apresenta um emprego formal em uma indústria local. Tanto é que ele que alugou a casa onde os Lavinskys se encontram e ele que apresenta uma gama maior de responsabilidades sociais e proporciona maiores recursos financeiros. Júpiter, assumindo o mundo do trabalho, também procura transmitir tais valores e formas de condutas para seus amigos, sendo o mentor principal desta racionalização, aliada, claro, a uma postura de afeto e carinho condicionada a sua figura de pai.

Mas em Lasch (1991) também vemos a família como um refúgio às intempéries da sociedade moderna e é, assim, que se acentuou a divisão entre espaço público e privado, sendo o espaço privado o lugar de transmissão do amor e da afetividade e o espaço público o lugar das aventuras e dos dramas sociais. É nesse espaço privado familiar que se passou a encontrar o aconchego e a proteção, embora este papel possa ser exercido por diferentes figuras na complexidade existencial da família. Para Lasch (1991), esse papel da família tem sido, atualmente, deslocado para outras instituições e grupos sociais, assim como os papéis podem ser transitórios e alterados pela constituição de diferentes tipos de família na história da construção afetiva dos sujeitos sociais. Para muitos membros da família Lavinsky, não necessariamente a mãe biológica apresentou o papel de acolhedora, pelo contrário, muitas vezes ela vai representar um papel conflitante em relação à aceitação da sua orientação sexual. Outros sujeitos como avó, tia, madrinha, amigos e amigas, padrastos e namorados acabam aparecendo como sujeitos importantes e conselheiros durante momentos difíceis de compreensão dos problemas da sociedade. No entanto, a busca do aconchego familiar é marcante nestes sujeitos e é por isto que se cunhou os Lavinskys como família. Ainda que Júpiter mantenha um papel de socializador, de conselheiro e de instituidor de normas para aprendizado do convívio social, estes sujeitos jovens gays encontram em todos os amigos e parceiros denominados como Lavinsky um lugar ideal, não somente para diversão, mas para aquele aconchego em virtude de uma briga de

4 Uma espécie de andor que serve para abrigar a imagem de um santo.

rua, uma desavença no seio das famílias formais, uma decepção amorosa, um problema financeiro. A família Lavinsky representa, assim, um território de acolhimento quando algum passa por problemas advindos de suas trajetórias sociais, de aconselhamento e de aprendizado partilhado entre seus integrantes. Dessen (2010, p. 2010) procura compreender a “família como um sistema complexo influenciado por múltiplos fatores e eventos internos e externos, que sofrem variações em função dos contextos cultural, social e histórico em que está inserida”. Segundo a autora, a definição deve estar baseada na opinião de seus membros, levando-se em conta a afetividade e a proximidade dos sujeitos que compõem uma determinada família. Assim, consanguinidade, casamento heterossexual e partilhar a mesma casa não definem mais família. Pedzold (apud DESSEN, 2010) propõe a definição 'ecopsicológica' de família que, embora ainda persista um foco nas relações intergeracionais e de cuidados de criação de prole, nos parece uma interessante abordagem para tratar a família Lavinsky. Para Kepper (apud DESSEN, 2010), a família é como um sistema de adaptações e readaptações múltiplas às condições normativas de um contexto social.

A família, então, é um sistema de intersubjetividades partilhadas que sofre influências de outros sistemas sociais. É dentro destas relações partilhadas intersubjetivamente que os sujeitos aprendem e se posicionam em relação a outras situações sociais. Diferentes situações sociais também acabam influenciando as tramas intersubjetivas da família. Mas, a família exerce um propósito principal de construir um conjunto de afetividades que permitem um trabalho subjetivo de controle das decepções e dos percalços negativos da vida em outras situações sociais. Funciona como um sistema de compreensão pelo apoio mútuo exercido pelos seus integrantes. A família, não necessariamente, é um sistema de ausência de conflitos, mas, de uma construção de conflitos que se dá pela confiabilidade entre seus elementos e pelo conhecimento próximo, baseado na condição, existência e personalidade de cada indivíduo, não regado por leis maquinadas, instrumentais e individualistas de outros sistemas sociais, condições que causam problemas e danos às subjetividades dos sujeitos. Os elementos afetividade e compreensão familiar tornam-se importantes para construção de posturas e personalidades fortes em relação às intempéries do mundo social racionalizado e instrumental. Estes seriam os elementos fundamentais da família, mas é claro que sabemos que este também é um dos seus principais problemas, principalmente quando a família não efetiva exatamente este papel e torna-se um contexto de conflito e desrespeito com a individualidade do outro. Quando muitas famílias acabam descumprindo este papel, em virtude dos conflitos e falta de compreensão entre seus componentes, outras famílias são constituídas pelos sujeitos sociais, ou seja, famílias construídas como sistemas de proteção, ajuda-mútua e possibilidade de expressão autêntica dos sujeitos sociais. É nesse sentido que diversidades de famílias de novas adaptações das relações entre indivíduos e sociedade são construídas, para darem suporte às múltiplas subjetividades dos seus sujeitos, num sistema de ligações próximas de compreensão entre eles.

Para Dessen (2010, p. 213), “adotar a concepção sistêmica de família significa focalizar a família como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que se influenciam mutuamente”. Esses vários subsistemas são os



componentes sujeitos da própria família. A família seria, então, um sistema de relações integradas, mas, cujas partilhas são reverenciadas pela compreensão e ajuda mútua ou, por outro lado, deturpadas pela desconstrução das próprias personalidades em virtude da produção de autoritarismo e conflitos entre seus componentes. Todas as famílias apresentam uma história de conflitos, mas esses conflitos desconstruem a ideia afetiva de família, caso apresentem-se danosos à individualidade e falta de compreensão de seus integrantes. É por tais processos negativos que se desconstruem famílias e outras são produzidas. Esse é o caso da família Lavinsky, cujos integrantes relataram casos de falta de compreensão, descaso, pouca comunicação, totalitarismo e, até mesmo, violência física e sexual em famílias consanguíneas. Para tais sujeitos, a família Lavinsky se transformou em um lugar de capacidade de trocas de experiências, críticas construtivas sobre seus comportamentos e condições sociais, afetividade e compreensão em casos de tristezas trazidas de outras relações sociais e, principalmente, alegria e festividade, na partilha de desejos, admirações, gostos e interesses discursivos. Embora existam figuras marcadamente de maior autoridade na família Lavinsky, que são os principais construtores dos limites que regulam as relações entre seus membros e as posturas deles e posições em outros contextos sociais, esta família se constituiu em um espaço de trocas de informações e de partilha de gostos e dificuldades entre seus membros. O mais interessante é que a construção da família Lavinsky se demonstra extremamente flexível, sem constituição de nenhuma amarra ou compromisso extremo entre seus membros. Os sujeitos estão lá porque a procuram e gostam de partilhar suas experiências entre si e, talvez, isso seja o que mais atrai as pessoas que querem participar da família Lavinsky. É claro que esta nova participação se estrutura por contatos de amizade e proximidade, mas, acabam sendo avaliadas por todos os membros já constituídos, num ambiente de diálogo, de democracia e respeito mútuo.

A família Lavinsky se apresenta com um sistema aberto a novos integrantes que desejam entrar. Muitos dos novos integrantes são amigos de algum membro da família e procuram se apresentar a todos para, efetivamente, participarem das reuniões na casa e na praça Tancredo Neves, assim como no grupo do *Facebook*. Mesmo sendo um sistema não consolidado e informal, cujo cimento são questões estéticas e afetivas, o grupo começou a construir alguns mecanismos de controle e fechamento, à medida que a família cresceu. Para entrar na família os sujeitos devem se comprometer a se comportar bem perante os membros e mudar sua trajetória de 'baderneiro' ou de fazer 'fechação' na cidade. A promoção do bom comportamento social é um discurso recorrente principalmente de Júpiter, o que demonstra sua preocupação na socialização de todos os elementos do grupo. Outros elementos concordam com esta postura porque começam a avaliar suas vidas e almejar uma trajetória melhor para si, com maiores oportunidades de consumo, individualidade e controle próprio de suas vidas. Mas muitas de suas regras internas apresentam-se relacionadas a valores estéticos, como, por exemplo, a rituais que remetem a admiração pelo mercado musical das divas da *dance music* atual, revelando uma estrutura relacional puramente estética presente nas relações dos sujeitos, como lembramos anteriormente do paradigma estético como produtor das relações sociais atuais, em Maffesoli (2002). O batismo do novo membro do

grupo remete a um discurso que evoca os nomes das divas da música *pop* como: “te batizo em nome de Lady Gaga, Beyoncé, Madonna, Whitney Houston, etc.”, como fala Júpiter. Quem estabelece o batismo para entrada na família é outro integrante de mais idade que não estava na reunião, o Saturno. Esses fatos parecem bobagens, mas, representam um conjunto de processos e rituais importantes para a vida desses sujeitos. É por eles que eles se identificam profundamente e é por eles que eles constroem suas subjetividades. Por detrás das bobagens, das aparências, das informalidades, da afetividade e da brincadeira, organizam-se processos sérios importantes à constituição das personalidades e das lembranças de tais indivíduos que perdurarão para a vida toda. A família Lavinsky, nesse sentido, é um misto de brincadeira e diversão, com afeto e seriedade para enfrentar os problemas da vida dos seus elementos.

A Família em uma Perspectiva Geográfica: Motivações Encontradas na Discussão sobre a Família Lavinsky

O primeiro plano de discussão geográfica sobre a família se encontra na divisão social entre espaço público e espaço privado. Segundo Sennet (1988), o espaço privado foi concebido como espaço da conjugalidade, em contradição do espaço público que se torna domínio da parentalidade, ou seja, dos rigores das normas e morais que remetiam à ordem patriarcal, inscritas publicamente pelas instituições sociais do matrimônio e dos direitos hereditários. Além disso, a parentalidade pública implicou o desenvolvimento das técnicas sobre a família, no sentido da regulação discursiva sobre as relações entre casais e entre pais e filhos, como práticas pedagógicas e terapêuticas. O espaço familiar privado se transformou em refúgio da vida social caótica, concorrencial, racional, instrumental e individualista. É, neste sentido, que o espaço privado é domínio da maternidade e do carinho e afetividade, incorporada na figura da mulher-mãe. Rousseau (1999) e Kamers (2006) argumentam que, em virtude desse cuidado estabelecido pela mãe na educação dos filhos, seria necessário estabelecer um “terceiro social”, que tenderia a intervir na supervisão desta educação. Isso constituiu uma desconfiança pública, portanto masculina, sobre a formação da masculinidade e sobre os caminhos da educação privada, pouco regulada, em prol da continuidade da ordem social. É pelo viés da parentalidade que se constituem as instituições educacionais e as discussões públicas sobre a criação dos filhos, tornando essa educação um terreno do espaço público, ao contrário da privação da família. A parentalidade, então, é um dever público, segundo Julian (apud KAMERS, 2006), cabendo ao Estado organizar toda a vida social vinculada a ela, produzindo as normativas de direito para que esta possa ser regulada e esclarecida publicamente. Podemos, também, dizer que a parentalidade como esfera pública se exerceu, inclusive, pela religião como a concepção dos sacramentos do batismo que configuram publicamente tal organização. A parentalidade é regida, principalmente, pelo poder do pai, do masculino e é nesse sentido que o espaço público, das discussões normativas, morais, racionais e das concorrências individualistas se transforma no espaço do masculino; em contraponto ao espaço afetivo, da segurança, da perseverança, da espontaneidade e do comunitarismo familiar

feminino.

As mudanças na esfera social foram acompanhadas pelas mudanças do papel da mulher na sociedade. Além de esposa-mãe e figura essencial no espaço familiar privado, a mulher, aos poucos, irá ganhar o espaço público e, também, se apresentará pelo direito público como figura regimentar da parentalidade. No entanto, podemos pensar que, ainda, essas noções contraditórias entre espacialidades públicas e espacialidades privadas persistem como matrizes fundamentais na organização do espaço social. Ainda em Sennet (1988), o espaço público se tornou palco do individualismo, das relações instrumentais e racionais e da frieza e desconfianças provocadas pelo extremo individualismo e concorrência desenfreada. O espaço público perde seu componente comunicacional, como fora concebido pelo poder do discurso do masculino na organização da democracia na ágora grega (SOUZA, 2000). O espaço público se torna reino da técnica que racionaliza as relações sociais e a técnica torna-se suporte corpóreo do cotidiano (SANTOS, 1997). Subjugados pela técnica, os sujeitos sociais não encontram relações profundas em espaço público, cumprem os deveres de uma sociedade racional e se socializam da melhor forma, em virtude do domínio da concorrência entre outros indivíduos. Assolados pelas relações instrumentais, os sujeitos não participam mais do que é público, das discussões das regras e das relações sociais, cumprem o necessário para se estabelecerem da melhor forma e transitam isolados num intimismo profundo (SENNET, 1988). É, ainda, o espaço privado que controla estes anseios de um sujeito moderno doente pela alienação, pela necessidade de inserção racional no mercado de trabalho, pelo individualismo e pela concorrência social. Só que este espaço privado se transforma para além das relações familiares. Ele se constitui, ainda, pelas relações familiares, mas estas relações se transformam além do vínculo formal (religioso ou do estatuto civil) da parentalidade pública. Esse espaço familiar privado é intensamente produzido por relações informais, além das instituições sociais, são novas famílias produzidas por uma dinâmica fenomênica, condizente às necessidades dos sujeitos sociais e suas capacidades de promoverem em contextos espaço-tempo diferenciados suas relações afetivas e próximas com outros com quem se identificam e admiram. Esse fenômeno é trabalhado por Gomes (2002) e sua criação de matrizes espaciais primordiais, o 'genoespaço' e o 'nomoespaço'. Para esse autor, a vida social se organiza em matrizes espaciais que se dicotomizam e configuram formas de convivências sociais discrepantes. A história da sociedade é regida pela necessidade de regramento das relações sociais e de construções de estatutos normativos destas relações, que servirá para regular o espaço público. Esta regulação constitui o 'nomoespaço', como espaço do cumprimento da ordem e da racionalidade das relações sociais. O 'nomoespaço' se refere à regulação da família pela parentalidade e pelas normativas jurídicas que interferem nas relações amorosas familiares ou não. A vivência do 'nomoespaço' solapa a individualidade do sujeito, tornando-o condicionado ao cumprimento de padrões legais e morais, ao mesmo tempo lançando-o em um intimismo profundo, uma vez que sua espontaneidade deve ser controlada no seio da intimidade de seus pensamentos.

O 'genoespaço' é espaço primeiro, fundamento das relações humanas face a face, espaço de trocas e de conflitos, de discussões e espontaneidades. O

'genoespaço' é palco das relações sociais profundas, ligadas pela admiração ou pela discordância, lugar de afetividade intensa, de simbolismo produzido por um próprio e não por outro terceiro invisível (instituições sociais formais de direito), como é o 'nomoespaço'. Não se constitui como espaço regrado publicamente, condicionado a um regime de publicidade de formas de exercício de poder. É regido pelas relações localizadas, informalmente produzidas, por um paradigma estético profundamente afetivo, sensual, condicionando a um estar junto imediato. É um espaço regido por uma ética da estética, na fala Maffesoli (2002), cujos regramentos são construídos localmente e assegurados pelo conhecimento dos fundamentos destas regras, que são produzidas pela discussão face a face. É domínio, então, do privado, sendo o privado todas as condições de apropriação espacial produzidas e produtoras de formas de interação sociais singulares. Para Gomes (2002), o espaço social se configura pelo conflito entre estas matrizes espaciais, ora na tentativa desenfreada dos regramentos sociais, produzidos pelas intervenções espaciais de atores hegemônicos que estabelecem um urbanismo cívico-embelezador-sanitarista-policial; ora ações informais de controle de pequenas áreas, ou formação de territorialidades, como argumenta Sack (1986), cujas atividades sociais se estabelecem por um estatuto informal, afetivo e não condicionado a um controle social institucional. Gomes (2002) revela que a sociedade passou por um longo período de hegemonização e homogeneização do espaço para estabelecimento do controle racional e legal do espaço público, sendo isso fundamento da modernidade. Por outro lado, na atualidade, se disseminam formas de descontrole físico social, na configuração de espacialidades e territorialidades diversas, cujos sentidos são muito mais informais, produzidos pela necessidade de “virar-se como pode”, de produção de um sintoma estético-afetivo e por uma necessidade extrema de segurança e promoção da intimidade das relações sociais. É nesse sentido que se observa uma constante privatização do espaço público.

A família Lavinsky se constitui neste processo de privatização do espaço público e da promoção do 'genoespaço'. Tal família remete a uma necessária desconstrução da publicidade da parentalidade. É uma família tratada por um sintoma fenomênico, condicionada às necessidades sentimentais de seus membros na partilha de alegrias e dores individuais. Não existe nenhum estatuto público que regre sua construção e nenhuma normativa legal que a condicione a uma publicidade e a normatização relativa ao nomoespaço. Os fundamentos de suas existências são as relações pessoais de seus sujeitos, abarcados por uma *proxemia* estética, pela necessidade de partilha afetiva e amorosa. A família Lavinsky se constitui como uma espacialidade privada que cumpre o seu papel de aconchego e proteção em relação às intempéries da parentalidade pública em que seus membros estão vinculados. Por outro lado, ela institui fenomenicamente um novo formato de família, contradizendo qualquer estatuto jurídico, justamente por estarem à margem destes estatutos. Suas relações são puramente afetivas, estéticas, espontâneas e de necessidade de aconchego, sintoma mais informal e privado de família. Suas ações procuram, justamente, transgredir este estatuto moral, uma vez que produzem suas próprias éticas internas, que contradizem as leis básicas que regem as relações sexuais entre membros da própria família. Suas ações privatizam

noções de família, por suas lógicas relacionais internas, e privatizam o espaço público, pela presença marcante (apropriação) do espaço público de Vitória da Conquista. A constituição de grupos afetivo-estéticos LGBT em Vitória da Conquista, como a família Lavinsky, marca o espaço urbano público, privatizando-o. A família Lavinsky apresenta uma relação exponencial entre a casa e a rua, principalmente duas localidades na cidade: a praça Tancredo Neves e o bar América. O 'castelo' dos Lavinskys, como eles chamam, é a casa de Júpiter. Lá, eles se reúnem quase todos os dias e traçam suas relações afetivas. Além disto, é necessário, diariamente, o encontro na praça, na qual uma das esquinas se transformou em uma microapropriação espacial Lavinsky ou uma microterritorialização (COSTA, 2010). É na praça que são feitos os batismos para se ingressar na família e lá que eles tecem suas relações de diversão e suas afetividades profundas. A presença marcante destes jovens incomoda o estatuto de regramento do espaço público, principalmente em frente às calçadas de alguns espaços privados da cidade, como bancos e centros comerciais. Por muitas vezes, foram solicitados a saírem destas calçadas por policiais e por estratégias de controle de suas permanências, como cercamento de escadas e gramados perfilares a calçada pública. A marcação da microterritorialização se dá pela presença marcante do grupo de jovens gays: seus comportamentos diferenciados, que transgridem noções hegemônicas de masculinidades, e sua festividade evidente. Eles constituem, assim, um 'genoespaço' na praça Tancredo Neves, de Vitória da Conquista.

Por outro lado, eles não escapam do conflito evidente entre necessidade privada de se constituir como uma família singular e controles públicos que produzem o 'nomoespaço'. É regra interna da família Lavinsky o controle de atos transgressivos em espaço público. Criminalidade, ações 'fechatórias', promoção de brigas e escândalos são proibidos pela família Lavinsky e isso demonstra um projeto de socialização e construção da legalidade de seus sujeitos, ao se submeterem aos padrões morais e legais sociais para poderem se engajar na sociedade da cidade e, assim, atingirem um estatuto de bem estar social. Este é, principalmente, o lema do pai da família, o Júpiter, ou o mais ligado ao estatuto normativo do espaço público e mais relacionado às instituições sociais, como o trabalho. Nesse sentido, Júpiter cumpre um papel de parentalidade pública, agindo no sentido de aproximação do estatuto público dos comportamentos e ações dos outros indivíduos da família Lavinsky. É por este aspecto que a família, como o próprio exemplo muito diferenciado e singular da família Lavinsky, cumpre um duplo papel, de promoção do aconchego e afetividade do espaço privado e de colmatação dos estatutos legais e morais condizentes à convivência em espaço público, ou aos regramentos do 'nomoespaço'. São estas células sociais singulares e autênticas que representam as novas famílias estabelecidas pelo sentido fenomênico, que transformam a sociedade formal, pública e moral. Os Lavinskys, por exemplo, estão muito ligados às políticas de reconhecimento das diversidades sexuais da cidade de Vitória da Conquista e seu exemplo transmite a possibilidade de se pensar novas configurações afetivas e de grupos sociais, assim como a efetiva aceitação da construção de novas espacialidades urbanas de convivência singular.

Essas espacialidades que dialetizam as matrizes espaciais de 'genoespaço' e

'nomoespaço' apresentam-se, assim, como sistemas singulares, como a noção 'ecopsicológica' de família, como uma unidade orgânica e dinâmica que reorganiza e é reorganizada na vida em proximidade dos seus elementos/indivíduos partes. A forma de concepção sistemática da família – determinada por suas singularidades, dinâmica na construção de suas relações, singulares pelas atividades e definições internas de suas partes participantes, delimitada por um estatuto interno informal negociado pelos sujeitos pertencentes à ela –, permite-nos concebê-la, também, como uma territorialidade, na perspectiva de Sack (1986). A família, como um sistema, apresenta-se como um espaço apropriado pela afetividade de seus sujeitos, que estabelece um funcionamento interno singular e que reorganiza funções, regras e formas de relações internas, separadas por um conjunto de 'outros' exteriores, no qual elas se protegem e refletem sobre suas trocas dinâmicas (entre interior e exterior, entre 'outros' sujeitos e 'outras' territorialidades marcadas pela diferença identitária). Se, em um primeiro momento, a família se apresenta como um espaço privado que, na modernidade é privilégio das relações heterossexuais e a determinação das divisões de papéis entre homens e mulheres, na produção de uma condição existencial da mulher como mentora, esposa-mãe e protetora dos 'perigos' do mundo; o espaço privado familiar da família Lavinsky tensiona este padrão familiar e produz outra espacialidade capaz de romper com os modelos preexistentes, tidos como comuns e reproduzidos pela sociedade. Valentine (2007) e Ornat (2012) argumentam que a sociedade se reproduz por um conjunto de espacialidades hegemônicas que estabelecem critérios de 'ser' e 'estar' no espaço, definindo estatutos para os corpos, comportamentos e identidades. No entanto, existem outras espacialidades que comportam relações sociais invisibilizadas socialmente, cuja Geografia científica contribui ainda mais para esta invisibilidade.

Dardel (2011), a partir de uma leitura fenomênica do espaço, nos propõe a atenção às diferentes geografias. Existe a geografia científica e aquelas geografias produzidas pelas ações, imaginações e trabalhos simbólicos dos sujeitos sociais. Existem geografias produzidas no cotidiano das interações sociais, conforme Lindon (2000), que multiplicam noções e relações espaços temporais, que se atrelam às experiências diferenciadas dos grupos sociais. Esta busca pelas diferentes geografias se tornou um campo rico de exploração pela ciência geográfica nas últimas décadas no Brasil e um processo de questionamento à condição de reprodução do poder da própria geografia: a Geografia sempre serviu ao poder. Trazer à tona novas formas de produção do espaço que contém novas formas de relações sociais não implica explicar o novo, mas tornar visível aquilo que estava marginalizado e invisibilizado pelas estruturas de poder, cuja ciência contribuía para esta marginalização, ou seja, marginalização das múltiplas formas de produção do espaço (estatuto da matriz espacial de 'genoespaço'). A Geografia cultural, em sua diversidade temática, tanto criticada por outros geógrafos, contribui muito para trazer à superfície esta diversidade.

Henri Lefebvre (2006) questiona a hegemonia contida no economicismo da geografia e no domínio das concepções do espaço, ao contrário das vivências e percepções. A geografia científico/acadêmica valoriza os estudos sobre as representações do espaço e menos atende as formações de espaços de

representações. O autor critica este formato hegemônico de geografia e propõe o pensar sobre as matrizes de espaço vivido, percebido e concebido, apontando para uma complexidade de produção socioespacial. Por um lado, existem aqueles espaços produzidos pelas instituições de poder, entre elas a ciência (assim como o Estado, os urbanistas, as empresas, etc.); por outro lado, espaços produzidos pelas relações sociais, um espaço percebido no conjunto de afazeres dos sujeitos sociais, e aqueles espaços vividos, corpóreos, afetivos, carregados de emoção nos encontros e nas necessidades de trocas sensíveis entre os sujeitos sociais. A Geografia tende a se comprometer muito com o estudo sobre as representações do espaço, ou os espaços concebidos pelo planejamento vertical, tornando-se o trabalho do geógrafo um próprio concebido verticalizado. Atenta muito menos com os espaços de representação produzidos no âmbito do cotidiano e das atividades criativas dos sujeitos sociais, em uma concepção de cotidiano criativo tático produzida por De Certeau (1994). As representações do espaço (LEFEBVRE, 2006) se apresentam como táticas criativas que se movimentam no campo hegemônico (DE CERTEAU, 1994), produzindo novos sentidos, novas configurações e novos formatos daquilo que é concebido. Uma produção tátil do espaço, movimentadas pelos corpos em ação e pelas imaginações em realização, rompe com os parâmetros hegemônicos visibilizados no social. Estes processos são invisíveis, pois os mecanismos hegemônicos do poder as torna invisibilizadas ou as condiciona a identidades marginais e transgressoras, dignas de serem recultivadas, realocadas, reeducadas, apropriadas pelo sistema de cura e higienização social.

A família Lavinsky se apresenta como esta organização tática de reconstrução das representações do espaço privado da família. Suas representações sobre espacialidade familiar se produzem no compartilhamento do vivido destes sujeitos, no contato face a face, na corporeidade das relações e na emoção do 'estar-junto' (MAFFESOLI, 2002). Seus espaços de representação são produzidos na localização e no trânsito entre a casa de Júpiter, a praça Tancredo Neves e o bar América. Um grupo invisível pelas instituições sociais e pelas concepções hegemônicas de família, mas, que, intensamente, produz representações próprias sobre suas condições de vida, sobre os significados do mundo, sobre os outros sujeitos e espaços sociais. A riqueza imaginativa que produz uma nova espacialidade Lavinsky é percebida na organização de seus rituais de batizado, nas discussões acaloradas sobre fatos mínimos que eles vivem no cotidiano, na fundação estético-afetivo que torna eles um grupo social marcante na cidade, mas, cuja cidade finge não notar. O trabalho do assessor técnico para políticas da diversidade da prefeitura de Vitória da Conquista se torna um exemplo e uma iniciativa inovadora para uma cidade de médio porte do interior do Brasil.

Danillo Bittencourt atenta muito a este grupo, na possibilidade de atendê-los no possível, para um processo de inclusão social. Pelo trabalho de Danillo, as espacialidades Lavinskys estão se tornando conhecidas e esse conhecimento as facilita em serem reconhecidas perante as instituições de poder político, de saúde e de trabalho. Além de torna-los inseridos entre os processos de concepção de espaço e de configuração normativa das relações sociais, as atividades de Danillo junto a família Lavinsky, e outros grupos LGBT da

cidade, produz políticas de reconhecimento das diversidades sexuais (HONNETH, 2003; COSTA, 2013). Essas políticas de reconhecimento se apresentam como táticas discursivas que invadem o espaço virtual, como a ajuda de Danillo na produção do site/blog da família Lavinsky e ações de participação política em espaços de reivindicação, como a organização do bloco da família Lavinsky na 'parada livre' da cidade. Isto é, a promoção da cidadania e do reconhecimento deste grupo tão especial da cidade.

Silva e Ornat (2008) contribuem na visão sobre processos contraditórios e invisibilizados como produtores do espaço social. Levantam novos conceitos importantes à visibilidade de outras formas de relações sociais condicionadas a espaços não conhecidos pela Geografia (o trabalho dos autores enfoca as espacialidades travestis), utilizando-se novos conceitos sobre os estudos da Geografia e das práticas sociais, principalmente as noções de espacialidades paradoxais e espaços interseccionais, em suas leituras de Judith Butler, Gillian Rose e Gil Valentine. Para Valentine (1993 e 2007), os espaços relacionais mobilizam diferentes facetas das identificações múltiplas dos sujeitos, construídas ao longo de suas trajetórias de vida. Nestes espaços, as perspectivas de poder são reorganizadas e os sujeitos se colocam diferenciadamente à margem ou no centro da interação pessoal, condicionando parte do espaço relacional a uma territorialidade singular. Estas espacialidades singulares se produzem pela valorização ou desvalorização de algum atributo identitário do sujeito, mobilizado na localização da interação social. É por este caráter dinâmico da produção das interações sociais, mediadas por espaços específicos, que certas configurações hegemônicas institucionalizadas pelo social são contraditas e tornam-se, assim, um espaço relacional identificado por algo que se torna paradoxal.

Os espaços paradoxais (ROSE, 1993) representam a reconfiguração de poderes de certos sujeitos que, em outros espaços conhecidos pelos parâmetros hegemônicos de valorização identitária, seriam caracterizados como subalternos, transgressivos ou marginais. Do conjunto de espaços interditos configurados pelas relações hegemônicas de construção identitária, outros espaços contraditoriamente se produzem como espaços de representação essenciais aos sujeitos marginalizados. Esse é o caso das espacialidades da casa de Júpiter, da praça Tancredo Neves e do Bar América para a família Lavinsky. Em suas histórias de vida, captadas na entrevista de 23 de março de 2014, os espaços da família consanguínea, da escola e da rua, em geral, são espaços onde eles se retraem, onde sofrem preconceito e onde não podem objetivar suas imaginações, emoções e espontaneidades. Juntos, nas espacialidades comentadas, eles adquirem uma força grupal que os tornam ativos e alegres, podendo se expressar de uma forma 'solta', sem nenhuma preocupação ou regramento sobre seus corpos, ações e intenções.

No entanto, estas espacialidades também servem para a reflexão consciente e cidadã sobre o papel deles na sociedade e sobre como a sociedade está configurada para que eles possam se engajar de forma crítica em relação a ela. As discussões no seio da família Lavinsky, produzidas principalmente por Júpiter e Danillo, os fazem refletir sobre as necessidades de liberdade de seus corpos transgressivos e os limites destas transgressões, para uma socialização mais consciente em âmbito social. Uma avaliação sobre a sociedade e sobre



eles mesmos é constantemente estabelecida, pelo que percebemos, e isso está ajudando esses sujeitos a construir uma trajetória que permita a expressão de suas singularidades, mas que coabite com os processos socializantes que permitem um ingresso ao mercado de trabalho e uma aceitação dos outros sociais. Não sabemos, ainda, como essa trajetória se dará. Infelizmente, o limite de nossa pesquisa foi somente um intenso encontro de conversa e discussão a partir da entrevista realizada no dia 23 de março de 2014, pela viagem estabelecida do pesquisador a Vitória da Conquista e pela apresentação da família Lavinsky por Danillo Bintencourt. No entanto, isso resultou num conjunto de discussões que pensamos que seja importante a outros trabalhos. Esperamos que tenhamos contribuído.

Referências

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ARIÉS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BRUSCHINI, C.. Uma abordagem sociológica de família. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 6, n. 1, p. 1 – 23, 1989.
- COLARES, A. A. Afirmação étnica e educação escolar indígena do povo Mundurucu de Marituba (Belterra-Pará). **Revista HISTEDBR On-line**, n. 50, p. 99 – 122, 2013.
- COSTA, B. P. da C.. O espaço social, os sujeitos e as múltiplas microterritorializações urbanas. In: PEREIRA, R.; COSTA, B. P. da; SOUZA, E. B. C. (orgs.). **Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 99 – 114.
- COSTA, B. P. da C.. A diversidade cultural na cidade: reflexões sobre as práticas e as representações da pedagogia e gestão urbanas. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 40, p. 219 – 235, 2013.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994. V. 1.
- DESSSEN, M. A.. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Revista Psicologia: Ciência e profissão**, n. 30, p. 202 – 219, 2010.
- DIAS, M. O.. A família numa sociedade em mudanças: problemas e influências recíprocas. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 9, p. 81 – 102, 2000.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GOMES, P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HONNETH, A. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KAMERS, M.. As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. **Estilos da Clínica**, v. 11, n. 21, p. 108 – 125, 2006.
- LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração: a família: santuário ou instituição sitiada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início – fev., 2006.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- NOGUEIRA, A. R. B.. Um interpretação fenomenológica na Geografia. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, São Paulo, Universidade de São Paulo, **Anais...** 2005.
- NOLASCO, S. Cultura brasileira, patriarcado e gênero. In: BIASOLI-ALVES, Z. M. M.; FISCHMANN, R. (orgs.). **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 95 – 107.
- ORNAT, M. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. **Revista Terra Plural**, v. 2, n. 2, p. 309 – 322, 2008.
- ORNAT, M. Espaços interditos na constituição das identidades travestis através da prostituição no sul do Brasil. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 54 – 73, 2012.
- RAMOS, D. M.; NASCIMENTO, V. G.. A família como instituição moderna. **Revista de Psicologia**, v. 20, n. 02, 461 – 472, 2008.
- ROSE, G. **Feminism & Geography. the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio, ou, da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo; razão e emoção**. São

Paulo: Hucitec, 1997.

SENNET, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUTO, C. **A explicação sociológica: uma introdução à Sociologia**. São Paulo: EPU, 1985.

SOUZA, M. L. **O desafio metropolitano: um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEDESCO, J. C. **Paradigmas do cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. Passo Fundo: Edunisc, UPF, 2003.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning: Society and Space**, v. 11, 395 – 413, 1993.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10 – 21, 2007.

VILLORIA, A. L. Del campo de la vida cotidiana y su espacio-temporalidad. In: LINDÓN, A. (coord.). **La vida cotidiana y su espacio-temporalidad**. Barcelona: Anthropos editorial, 2000, p. 7 – 18.

Recebido em 27 de agosto de 2017.

Aceito em 20 de outubro de 2017.